



OS VÁRIOS SENTIDOS PRESENTES NO HINO

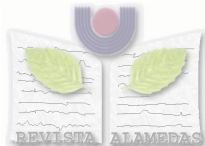
DA CIDADE DE FOZ DO IGUAÇU-PR

Tupiara Guareschi Ykegaya¹

Resumo: É a partir da perspectiva da Análise do Discurso (AD) francesa que se propõe uma análise do hino do município de Foz do Iguaçu-PR, percebendo a construção de determinados sentidos em consonância com certas ideologias. Tendo como referencial a AD francesa, tenta-se estabelecer o campo do discurso: ele é acontecimento; o discurso não é resultado de uma soma de elementos combinados segundo certas regras estruturais, mas um fenômeno de emergência que se materializa na instância de enunciação, cuja expressão unitária é o enunciado. O discurso é, antes de tudo, produtor de sentidos, eis sua função. O hino, enquanto discurso, carrega o sentido produzido pela ideologia da sociedade moderna ocidental em prol do estado, enquanto veículo de unicidade, de racionalidade e progresso. O hino passa a ser uma narrativa da nação, por isso, identifica-se no seu propósito, a mesma intenção de unificação, de significação e legitimação do passado e do presente. O hino, dimensão menor, está se referindo a uma cidade com características específicas, contudo, obedece a mesma lógica.

Palavras-chave: análise do discurso, Foz do Iguaçu, ideologia.

¹Bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: tupiaraykegaya@uol.com.br



Introdução

Está se propondo neste trabalho, uma interpretação do hino do município de Foz do Iguaçu-PR a partir da perspectiva da AD francesa. Mais especificamente, procura-se aqui, mostrar as formações ideológicas presentes nas formações discursivas do hino. A cidade de Foz do Iguaçu está localizada na região Oeste do Paraná, servindo de fronteira do estado e do país com o Paraguai e a Argentina. Mesmo com uma colonização e formação social recente, a cidade apresenta atualmente uma gama de elementos especiais que lhe dão a forma de um contexto social complexo.

Para Orlandi (1987) a língua deve ser entendida não apenas como um produto abstrato, mas como um trabalho histórico, pois ela é produto da realidade histórica-social.

Se partimos do fato de que as línguas só existem na medida em que se acham associadas a grupos humanos, podemos chegar à concepção de que, na língua, o social e o histórico coincidem. (...) Nem a sociedade nem as línguas se modificam autonomamente. (...) O caráter histórico da língua está em ser ela um fato social no qual entram o caráter de processo, a intervenção da memória, a relativa estabilidade do sistema e das funções sociais e normas de comportamento. As convenções estão estreitamente ligadas ao caráter histórico da língua. (Orlandi, 1987: 99).

Pressupostos teóricos

A AD não se localiza na análise da língua ou de questões gramaticais, embora compreenda que não se pode ignorar a estrutura lingüística, mas ela se volta como o nome já diz, ao discurso. “Na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” (Orlandi, 2002: 15).



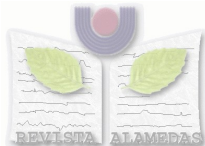
A AD tem como pressuposto o homem na história, justificando seu objetivo de compreender os processos e as condições de produção da linguagem. É de extrema importância atender para a relação dos sujeitos que falam e as situações que possibilitam produzir esta fala. É devido a esta perspectiva que a AD é interdisciplinar, pois seu proposto contempla a relação do marxismo, da psicanálise e da lingüística².

Na lingüística busca-se subsídio para afirmar que a linguagem não é transparente, mas que é ideologicamente comprometida. Do materialismo histórico se resgata a noção de que existe uma contradição entre a história e o real, uma relação que também não se apresenta de forma transparente. Relacionando a língua com a história na produção de sentidos se terá o que Orlandi chama de *forma material*, que é a forma incorporada na história para a produção de sentidos, é a forma lingüístico-histórica. Como na AD não há a separação entre forma e conteúdo, segundo a autora citando Pêcheux, compreende-se a língua não só como estrutura, mas ela é percebida como *acontecimento*. A partir desta relação entre estrutura e acontecimento, a forma material é percebida como o acontecimento da língua em um sujeito afetado pela história. É aí que a psicanálise vai fazer sua contribuição: há a substituição da concepção de homem pela concepção de sujeito se constituindo historicamente pela dimensão simbólica, fazendo com que o sujeito funcione pelo inconsciente e pela ideologia.

De acordo com Orlandi (2002), o conceito básico para a AD é o das *condições de produção*, ou seja, elas são características do discurso, o constituem. Ela cita Pêcheux para dizer que o que deve ser focalizado é a relação entre as condições materiais e o processo, isto é, ao se observar o discurso deve-se trabalhar com a noção de funcionamento.

Quando se fala em condições de produção pode-se pensar em duas dimensões, uma dimensão mais estrita que é o contexto da enunciação, e outra mais ampla, um contexto sócio-histórico-ideológico. Quer dizer, as condições de produção estão se remetendo a um sujeito e a

²Materialismo histórico: releitura de Marx por Althusser; Psicanálise: releitura de Freud por Lacan; estas correntes foram trazidas para a Lingüística (superação de Saussure) para tratar do discurso enquanto gerador de sentido.



uma situação específica. Nesta relação, a *memória* tem um papel essencial, pois ela faz parte da produção do discurso e é assumida como interdiscurso: "aquilo que fala antes e que compreende o conjunto das formações discursivas inscritas na constituição do discurso e que trabalham com a re-significação do sujeito sobre o que já foi dito" (Ferreira, 2001:18). A partir destas considerações, percebe-se que há uma forma social de apropriação da linguagem, refletida no assujeitamento como interpelação do indivíduo pela ideologia, que na verdade, é a condição necessária para que o indivíduo possa se tornar sujeito de seu discurso na medida em que se submete espontaneamente às condições de produção impostas por uma lógica superior estabelecida (Orlandi, 1987). O sujeito segundo Furlanetto (2000) é um lugar, uma posição, e esta posição é importante porque é a partir dela que o sujeito fala.

Orlandi, resgatando Pêcheux, enfatiza a importância do *esquecimento* no interdiscurso. Pêcheux vai elencar, então, duas formas de esquecimento. Uma das formas de esquecimento é o enunciativo, que produz a ilusão referencial e que estabelece uma relação natural entre a palavra e a coisa. O outro esquecimento é o ideológico, ele se processa no inconsciente e resulta do modo pelo qual se é afetado pela ideologia. Este esquecimento é responsável pela produção da sensação de que o sujeito é produtor de seu discurso (Orlandi, 2002).

Sempre que se fala em discurso, está se remetendo a um processo de produção de sentidos. Os sentidos não existem por si mesmos, mas são direcionados a partir de posições ideológicas que são postas em jogo quando do processo social e histórico em que as palavras são produzidas, pois os sentidos atribuídos às palavras não são inerentes a elas. Para compreender este processo é imprescindível a noção de *formação discursiva*, que foi amplamente utilizada pela Escola Francesa da AD e foi introduzida por Foucault para tratar dos conjuntos de enunciados que se relacionam a um mesmo sistema de regras historicamente determinado. Mas não se pode negar que foi mérito de Pêcheux a inclusão desta noção na AD. Segundo Maingueneau (2000: 68)



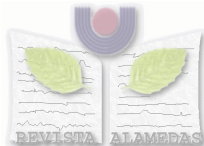
toda formação social, passível de se caracterizar por uma certa relação entre classes sociais, implica na existência de posições políticas e ideológicas, que não são feitos de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação. Essas formações ideológicas incluem uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (...) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada.

A AD atesta, então, que as palavras não são neutras, mas que seu sentido muda de acordo com as formações discursivas em que estão inseridas. Desta forma, *o sentido é determinado ideologicamente*, este é o centro da discursividade, como a ideologia se materializa no discurso produzindo efeito. Por isso, destaca-se a importância da metáfora, pois não há sentido literal na palavra.

A partir destas considerações, a AD se propõe como um dispositivo de interpretação, ou seja, “não basta dizer que a função fundamental não é apenas *informar*, acrescentando-se que não é apenas a comunicação, ou apenas a persuasão. É também o *reconhecimento* pelo confronto ideológico” (Orlandi, 1987:112). Aqui não se está procurando um sentido verdadeiro, mas o sentido real em sua materialidade lingüística-histórica. O enunciado, entendido enquanto produto da enunciação e também como unidade constitutiva do discurso, é a possibilidade de identificar as diferentes posições assumidas no discurso, ele é uma série de pontos de deriva e pode tornar-se outro. “Esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição de sujeitos” (Orlandi, 2002: 59).

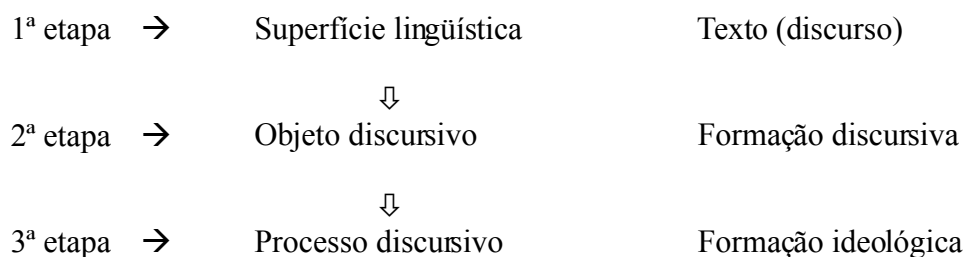
Com base nos pressupostos da AD rapidamente expostos aqui é que se procederá a análise do hino do município de Foz do Iguaçu³. Há de se salientar aqui que o discurso não é

³ Disponível em: <http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br/turismo/br/cidades/simbolos>. Acesso em: 01 de julho de 2004



algo fechado em si, mas se constitui de um processo, lembrando que o texto proposto aqui é uma unidade de análise e é também a materialidade do discurso nele inserido.

Na AD, enquanto dispositivo de interpretação, existem três etapas essenciais de procedimento, que são apresentadas por Orlandi (2002: 77):



A primeira etapa do processo de interpretação é a passagem da superfície lingüística para o objeto discursivo (texto ⇒ discurso). Nesta fase, deve-se ver no texto a discursividade dentro da natureza lingüística enunciativa e a partir daí construir um objeto discursivo. Para isso, retoma-se o esquecimento enunciativo de Pêcheux, ou seja, a desnaturalização entre palavra e coisa.

Na segunda etapa, o analista deve relacionar as formações discursivas com a formação ideológica que as está regulando. Procura-se constituir os processos discursivos que projetam os efeitos de sentidos materializados no texto.

Na última etapa há a busca do processo discursivo, delineando as ideologias presentes na formação discursiva. Isto permite o entendimento da constituição dos sentidos presentes no texto, que é um fato discursivo.

O texto e o discurso

Tendo em vista os procedimentos, elabora-se a partir de agora a análise do hino da cidade de Foz do Iguaçu. O hino foi escrito em 1966, porém, somente em 1968 ele foi, através da lei municipal nº 528 do dia 29 de agosto de 1968, instituído como símbolo do município⁴.

⁴ Dados obtidos na Biblioteca Pública de Foz do Iguaçu.



Para melhor sistematização os versos no hino foram enumerados:

*Hino do município*⁵

- | | | | |
|----|---------------------------------------|--------------------|-------------------------------------|
| 1 | Somos Filhos da terra querida | 17 | Sob o imenso dossel destas matas, |
| 2 | Que é famosa onde quer que se vá | 18 | Sim! Palpita lembrança tupi; |
| | | 19 | Tarobá, no fragor das cascatas |
| 3 | Natureza imponente e garrida | 20 | Ainda chama, saudoso, Naipi. |
| 4 | Que, no mundo, mais bela não há | | |
| | | 21 | Sim, mil graças por tanta beleza, |
| 5 | Nestes rios se confundem nações, | 22 | Ó Senhor! Sempre mais progredir, |
| 6 | Num abraço de mútuo fervor; | 23 | Que um passado de heróica nobreza, |
| 7 | Somos porto de mil corações, | 24 | Seja o aval de um fecundo porvir! |
| 8 | Foz de eterno, ameríndio vigor! | 25 | Honra eterna aos ingentes pioneiros |
| | | 26 | Deste solo, onde é grande o labor; |
| 9 | Três fronteiras de pátrias amigas | 27 | Aqui estão corações brasileiros, |
| 10 | Iguaçu-Paraná... que emoção! | 28 | Palpitando co' idêntico amor! |
| 11 | Suas águas que entoam cantigas, | | |
| 12 | Rumo ao sol, irmanadas, se vão! | | |
| | | <i>Estribilho:</i> | |
| 13 | Quadro eterno que os olhos fascina | 29 | Foz do Iguaçu! Foz do Iguaçu! |
| 14 | Eis o sol o horizonte a romper; | 30 | Quem tua glória negará? |
| 15 | Catadupas! surgiu da neblina | 31 | Onde achar maior que tu, |
| 16 | Para o mundo, outra vez, surpreender! | 32 | Esplendor do Paraná!!! |

⁵ Letra de Francisco Pereira da Silva e Música de Ivanildo Rafael.



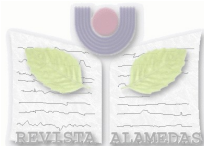
Durante um olhar mais minucioso, pôde-se verificar formações discursivas que versam sobre vários temas, entre os principais a fronteira, imigração, território nacional, pluralidade cultural, progresso, atrações turísticas, trabalho e a figura do índio na lenda das Cataratas. Estes são os eixos norteadores do discurso.

No hino, a palavra fronteira aparece uma vez e no plural (9), designando as três fronteiras, em que Foz do Iguaçu é um ponto estratégico. Ela *liga* o Brasil às outras fronteiras. Ela vem acompanhada de “pátrias amigas” possibilitando o entendimento de uma relação pacífica e agradável entre os “povos”, de relações entre vizinhos permeadas por companheirismo. Entretanto, para Guareschi (2001), a fronteira não pode ser pensada apenas como território ou geografia, mas sim como um espaço social simbolicamente construído. No hino, a maneira romanceada de escrever se inscreve como uma maquiagem, encobrendo todas as contradições que emergem neste espaço contraditório de fronteira. Segundo Ykegaya

A fronteira deixou de ser o limite entre o humano e o natural, mas no caso de Foz e seus vizinhos, é tida, sim, como um traço destacado, marcado por uma gradação baseada nas diferenças dos povos. Assim, as três fronteiras relacionam-se levando em consideração esta lógica (...) O Paraguai é tido como o ‘fim do mundo’ e Foz é tida como o ‘começo’ dele. Como fim do mundo se concebe um lugar desagradável, que não oferece boas condições de se viver e onde uma população pobre (em todos os sentidos) luta para conseguir alguma coisa, para um determinado fim, a conquista do ‘dinheiro sem pátria’ e não para a construção da vida (Ykegaya, 2002: 45)

As relações contraditórias entre os povos dos países são camufladas pelos versos 1 e 5. Há diluída no decorrer do texto uma idéia de progresso difundida principalmente durante a construção de Itaipu⁶. É interessante perceber que o hino da cidade foi escrito quando Brasil e

⁶ Com o início da construção da usina a partir de um projeto internacional entre o Brasil e Paraguai, Foz transformou-se no palco de um ícone da engenharia humana. O empreendimento atraiu inúmeras pessoas de vários lugares, Foz do Iguaçu teve sua estrutura de cidade pacata transformada pelo crescimento meteórico, impondo aos seus habitantes outra dinâmica de vida. Mesmo com toda a projeção da cidade devido a esta obra,



Paraguai se uniam para a construção da usina⁷. Aliado ao progresso através do trabalho (presente nos versos 22 e 23 e reafirmando enfaticamente em 30) o discurso das belezas naturais (21) confere à cidade uma integração perfeita. É a vivência do homem na natureza e no progresso constantes ali.

Mas o que dizem os versos 5, 6 e 7 principalmente? Que relações há entre eles? Eles estão se remetendo novamente a uma fronteira não demarcada e a convivência cultural harmônica. Foz do Iguaçu é o que pode se chamar de caldeirão cultural, em que vários discursos circulam em seu ambiente, avaliando as diferentes etnias, discursando sobre elas, enfatizando aspectos, “esquecendo” (segundo Pêcheux) de outros... Entretanto, a relação com o *outro* cultural-histórico-social diferente no contexto da cidade não se dá de forma pacífica, sem rupturas. A cidade

delimita um espaço nacional numa tríplice fronteira: Brasil, Paraguai e Argentina. Ainda, a fronteira é marcada pelo confronto, pela descoberta, pelo desencontro e encontro. Ela é o palco do conflito entre o “nós” e os “outros”, do confronto étnico/cultural, já que a cidade abriga pessoas de diversas nacionalidades que por diversas razões, vivem neste mesmo espaço apesar de seus interesses serem às vezes divergentes. É o local da descoberta do outro, de diferentes pessoas com suas diferentes e contraditórias maneiras de pensar e de agir; é o outro diferente do nós, do eu. A fronteira é o desencontro, porque nela vivem pequenas parcelas de outras culturas, o que se traduz na diferença do tempo histórico de cada uma delas: a fronteira é o encontro das temporalidades nela presentes (Guareschi, 2001: 74)

havia grandes preocupações com o que aconteceria após o fim da construção de Itaipu, pois existia o medo de que a construção gerasse mais tarde, um grande vazio após a desativação das obras. A usina, contudo, proporcionou não somente o crescimento da população, mas uma ampliação das atividades na cidade e permitindo a permanência dos que vieram na época de construção da hidrelétrica.

⁷ Foi em 22 de junho de 1966 assinada a Ata do Iguaçu, pelos chanceleres de Brasil e Paraguai, nascendo a Itaipu, para a utilização do potencial hidráulico do Rio Paraná. Em 1967 é firmado o convênio entre os dois países para a construção da usina e neste mesmo ano começam os estudos técnicos acerca do projeto.



No hino também há referência as “belezas naturais”⁸ da cidade, que são marcadas no texto como atributos, quer dizer, mesmo que elas não tenham dependido diretamente de ninguém para estarem localizadas em Foz do Iguaçu, são concebidas como características e méritos da cidade. Significados desta forma, parece haver a construção de uma certa “justificativa” à exploração turística do que é naturalmente patrimônio da cidade (Guareshi, 2002). Este sentido de pertencimento e de atribuição de dádiva à cidade estão presentes nos versos 3, 11, 21 e 32.

É interessante também perceber nos versos 17, 18, 19 e 20, a referência ao índio inserido na lenda das Cataratas, apagando-o como nativo da cidade e re-significando-o na lenda. Novamente, esquece-se a história da colonização e todas as suas conseqüências para a região e a população que foi diretamente afetada por este processo: há partes da colonização que estão no não-dito. Consiste neste trecho a legitimação da história oficial, que contempla um certo projeto de construção de identidade, e que no caso específico de Foz do Iguaçu⁹, registra que o homem branco chegou à região em 1542, durante uma expedição colonizadora de Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, um capitão espanhol que foi guiado por guaranis...

Verifica-se um certo “mito fundador”, enfatizando a descoberta de terras por brancos, mesmo incluindo na narrativa a existência de moradores naquela região. Entretanto, ainda se insiste na idéia de descoberta, ignorando plenamente a noção de que não se descobrira nada, pois a região já era habitada por índios. O que ocorre é exclusão do índio da condição de homem, excluindo-o também, dos seus direitos enquanto pessoa e habitante da região, reafirmado quando se diz: “foi em 1542 que a região de Foz do Iguaçu foi descoberta por um branco”. (Ykegaya, 2002: 18)

⁸ Parque Nacional do Iguaçu e em especial as Cataratas.

⁹ Dados retirados de documentos da Biblioteca Pública, como relatórios e panfletos produzidos principalmente pela Prefeitura e pela Secretaria de Turismo.



De acordo com Chauí (1983), a história se constitui como a racionalidade que vai corroborar o interesse dominante, ou seja, ela é uma narrativa do poder consolidado. Por isso, a história, de acordo com Chauí, é sempre contada a partir do ponto de vista do vencedor, ele é o único sujeito da história, porque sua ação histórica

é eliminar fisicamente o vencido. No entanto, o saber histórico dirá que os grandes agentes da história são os dominantes, cuja grandeza depende da exploração e dominação dos pequenos. Graça a esse tipo de história, a ideologia burguesa pode manter sua ideologia mesmo sobre os vencidos, pois estes interiorizam a suposição de que não são sujeitos da história, mas apenas seus paíentes (Chauí, 1983: 124-5).

Em algumas partes do texto, principalmente 22º ao 26º verso retoma-se o discurso do trabalho, da glória e do progresso por meio dele, resgatando especificamente no verso 25 o respeito ao pioneiro. Por trás desta formação discursiva há toda uma ideologia do passado de luta e de trabalho para a construção de uma cidade ideal, trazendo à tona o valor ao trabalho e ao progresso enquanto sua consequência como valor supremo. É a memória da história discursando e projetando um ideal de conduta, a construção de um padrão de ação glorificado, materializado e justificado nos avanços da cidade.

O estribilho do hino (versos 29 a 32) é o fecho de todo o discurso, é ele quem “costura” todos os sentidos num único, o sentido produzido pela ideologia da sociedade moderna ocidental em prol do estado, de acordo com Maybury-Lewis (1985). A idéia de estado-nação como veículo da unicidade, da racionalidade e progresso da humanidade, ainda segundo o autor, é um conceito em consonância com os propósitos e os ideais da revolução francesa.

Na cidade, devido ao intenso confrontamento étnico, há o sentido de harmonia/homogeneização escamoteando o choque de vários estatutos identitários advindos dos vários representantes/parcelas de outros estados-nações.



... quando indivíduos e suas famílias vivem compulsoriamente o contato com o Outro, aquele que está “do outro lado”, submetido a outras leis, ditadas por outro estado-nacional, a outros costumes, em suma, a outros padrões culturais, quando não (...) a outros idiomas (Oliveira, 2000, p.16)

Esta é uma das peculiaridades da fronteira. Segundo Oliveira (2000), é importante lembrar que estas regiões de fronteira, como é o caso de Foz do Iguaçu, abrigam sistemas de interação não só entre as nacionalidades anfitriã e a abrigada, mas também entre um número maior de imigrantes com diferentes nacionalidades. Ou seja, na fronteira se cria uma situação sócio-cultural demasiadamente complexa, inserida num quadro de análise (inter)nacional: assim, o que pode aparecer como determinante social/cultural/político é a nacionalidade dos atores sociais. A partir da edificação do estado-nação moderno, tentou-se validar apenas uma identidade, que permitisse a unificação de referências culturais. Esta identidade representaria a criação de uma identificação legítima, ou seja, a identidade nacional. Entretanto, seu sentido assume uma exclusão das diferenças prima pela uniformização através da mono-identificação.

Hall (1999) diz que há a necessidade de uma construção de uma identidade nacional para produzir este sentido de unidade, de permitir aos sujeitos identificar-se com algo maior, uma instituição protetora, que é o estado-nação moderno. A narrativa da cultura nacional é um fenômeno que subordina as diferenças sob o “título político” do estado-nação. Este sentido constrói a história e a nação, conecta seu o passado e o seu presente, por isso a identidade nacional é uma comunidade imaginada.

Conclusão

O hino passa a ser, então, uma narrativa da nação, por isso, identifica-se no propósito do hino de Foz do Iguaçu, a mesma intenção de unificação, de significar e legitimar a realidade

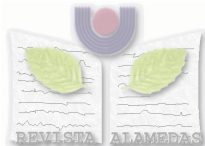


social de uma determinada forma. O hino está numa dimensão menor, se referindo a uma cidade com características específicas, mas obedece à mesma lógica. Deve-se atentar para o momento histórico em que foi produzido o hino. Seu autor escreve em 1966, mas só em 1968 o hino é incorporado como símbolo do município. Esta época foi uma fase de grande prosperidade na cidade, marcada pelo segundo ciclo de ocupação da cidade¹⁰. O hino veio para consolidar e legitimar todas as transformações que aconteceram no espaço social da cidade.

Para Hall (1999), a narrativa da nação centra-se em cinco elementos fundantes: 1) a narrativa é contada através de mídia, cultura e literatura, fornecendo sentido e conectando as vidas cotidianas a um destino nacional preexistente a elas e que continuará existindo após suas mortes, por isso o compromisso; 2) ênfase nas origens, na continuidade, tradição e temporalidade, pois a identidade está na verdadeira natureza das coisas; 3) a estratégia discursiva da tradição inventada que procura inculcar valores, comportamentos através da repetição, para que haja uma continuidade com um passado histórico adequado; 4) o mito fundacional (no caso, a lenda das Cataratas) localiza a história num passado tão remoto que se perde nas brumas de um tempo mítico; 5) a identidade baseada num povo puro e original, contudo, quase nunca é este povo primordial que exercita o poder

“A cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto nossas concepções” (Hall, 1999: 50). O hino é um tipo de narrativa que está de acordo com os objetivos de unicidade do estado-nação, principalmente no tempo atual de globalização em que sua homogeneidade está ameaçada, decorrendo daí um

¹⁰ Em 1930 chegaram os primeiros agricultores gaúchos, caracterizando o início do segundo ciclo de ocupação e ainda, a expansão da “fronteira agrícola”. Nos primeiros tempos, a estrutura fundiária era baseada em propriedades de pequeno porte, muitas delas, de subsistência. A implantação de um precário sistema viário foi o que permitiu a dinamização da agricultura, dando condições da comercialização do excedente agrícola e incentivando o aumento da produção de monoculturas extensivas de grãos com vista à exportação. As conseqüências disto foram o aumento na demanda de bens manufaturados e o crescimento de estabelecimentos comerciais. Também, a conclusão da BR-277, a integração do município ao Sistema Estadual de Telecomunicações e a construção do Aeroporto Internacional marcam este segundo ciclo. Esta fase próspera ainda foi marcada pela criação do Parque Nacional do Iguaçu (1939), que deu ao turismo uma importância maior na economia local; o desmembramento de São Miguel do Iguaçu (1962); a inauguração da Ponte Internacional da Amizade (1965) ajudou a fortalecer o comércio de Foz com a cidade paraguaia de Puerto Presidente Strossner, que hoje se chama Ciudad Del Este (Ykegaya, 2002).



movimento de afirmação de identidades locais. Contudo, o hino produz sentidos, ele é a memória discursiva que é atualizada a cada ritual social ou situação em que é acionado/executado. Neste sentido, como já foi afirmado, a memória tem um papel essencial, ela faz parte da produção do discurso e é assumida como interdiscurso.

Sendo assim, as culturas nacionais e suas narrativas devem ser vistas como um dispositivo discursivo que pretende “costurar” significativamente, todas as contradições e diferenças presentes na sua formação social. Neste sentido, o hino do município de Foz do Iguaçu está em consonância com esta mesma lógica.

Referências

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre : UFRGS, 2001.

FURLANETTO, Maria Marta. Problematizando o estatuto da AD. UNILETRAS – UEPG. N.22. p. 189-212.dez/200.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo : Brasiliense, 1983.

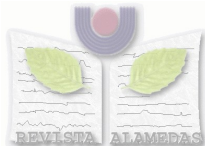
GUARESCHI, Tupiara. **Biografias e pluralidade cultural em situação de fronteira**. Ideação. v. 1, n. 4. Cascavel : Edunioeste, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 3.ed., Rio de Janeiro : DP & A, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave do discurso**. Belo Horizonte : ED. UFMG, 1998.

MAYBURY-LEWIS, David. Vivendo Leviatã: Grupos étnicos e o Estado. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso (org). **Anuário Antropológico 83**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro; Fortaleza : Edições UFC, 1985.

OLIVEIRA, Patrícia Andréia. **Perspectiva**, V. 26, n.96, Erechim. Dezembro/2002. p. 51-56.



OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (des)caminhos da identidade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**. v. 15. n. 42, Rio de Janeiro : ANPOCS. fev. 2000, p. 08 - 21.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas : Pontes, 2002.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas : Pontes, 1987.

Site “Prefeitura de Foz do Iguaçu”

<http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br/turismo/br/cidades/simbolos>

TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. **Linguagem e ideologia**: as propostas de Marr e Bakhtin. Revista Comunicações e Artes. São Paulo : 14: 67-75, 1985

YKEGAYA, Tupiara Guareschi. **Colcha de retalhos**: Cultura e Identidades em Foz do Iguaçu. Trabalho de Conclusão de Curso. Ciências Sociais, UNIOESTE, Toledo : 2002.